

O Elogio Fúnebre de Euclides Bandeira

Pelo Snr. Prof. Raul Gomes

— “O Centro de Letras do Paraná, fundado por Euclides Bandeira, me cometeu esta despedida. Faço-a sob o torvelinho das evocações amigas suscitadas por uma convivência, longa de muito mais de trinta anos. Na desobrigação dessa tarefa procurarei realçar algumas das faces de sua grande trajetória pelo mundo.

Entre as Máximas de Epiteto, o último estoico, encontro uma mais parecida a um episódio biográfico.

Era ele escravo dum plutocrata romano. Mas escravo rebelde, da rebeldia da inteligência.

Esta fazia-o altivamente, destemidamente, independente. Pois devido a sua filosofia, fortalecia-o, sustentando-o nas tremendas provas de crueldade a que o submetia o amo.

Uma feita, este, por méro prazer sádico, começou a apertar os anjinhos sobre os punhos de Epiteto. Este, sentindo embora os ossos quasi a se pulverizarem, lhe observou:

— “Cuidado, meu senhor! Assim arrebentais a rôca e o parafuso”.

Aproximando essa de outra Máxima do genial sêrvio, se nos elucida a lição por ele nos deixada:

— “Podem me triturar a carne e o esqueleto. Mas uma coisa há em mim superior à sua vontade, violência e perversidade, livre e acima de tudo: minha alma.”

Ao ver Euclides Bandeira, na fase derradeira de sua vida, lembrava-me desses lances de Epiteto. E lhes assemelhava os do meu velho e querido amigo e companheiro.

O destino, — para não empregar aqui o termo Deus não muito agradável ao seu negativismo, campou em relação a Euclides, o senhor da cêna do Epiteto.

Foi atacando, correndo, aniquilando, consumindo o corpo, a pobre carcassa daquele amante do movimento e da atividade, e para quem ação tinha a volúpia das coisas raras e para quem a pena constituiu terrível e eficiente arma de combate de um materialista irredutível e militante contra o espiritualismo.

Mas, naquela sua estagnação, na derrocada daquela estrutura orgânica, uma coisa, por uma paradoxia insólita, algo resistia invencivelmente naquele homem.

Era a alma!

Era aquilo que mais êle negava, era aquilo que mais êle combatia, era aquilo que êle mais ironizava implacavelmente!

Quantos o frequentavam, — e constituíam os amigos e admiradores de todos os tempos, pois êle era estranhamente centrípeto na manutenção e comunhão da amizade, — quantos o conversavam saíam de sua presença vencidos e surpreendidos da resistência daquele espírito, no flagrante e dramático antagonismo com a sua decadência corpórea.

O corpo se lhe deperecera, esfrangalhára e se lhe mingüára.

Mas, dentro nele, como uma parcela de rádio cintilava, através do granito, da argila, do pó e das cinzas, uma força

esplêndida, cheia de lucidez, espantosa de vitalidade, impressionante de energia e incrível de penetrabilidade!

Esse vigor formidável de sua alma, resistente às tristes e amargas contingências de uma insopitável enfermidade consuntiva, — explica a pujança, a eterna juvenilidade, a coragem, a inamalgabilidade de seu caráter, — e aplico aqui este vocábulo abusivamente gasto e descompreendido, no seu mais alto, e nobre e puro conceito.

Pois caráter tem de ser a homogeneidade, a integralidade, a maciszez, a unidade de pensamento, palavra e ação, e coerência para a maldade ou para a bondade, — “sans peur est sans reproche”.

Euclides Bandeira foi assim durante a sua existência.

Um homem, um sêr, e uma personalidade só, integérrima e invicta. Nele não se defrontavam, substituíam ou desavinhavam, — aquele Deus que chora e aquele Demônio que ruge de Bilac.

Fácil, numa imitação à frase de Rui, — “Minha vida é uma reta entre o Direito e a Justiça”, — cristalizar num talho de expressão a psicologia pragmática de Euclides: sua existência foi uma reta entre os ideais da juventude e as convicções da velhice.

E assim lhe foi o roteiro, inflexível e seguro pela terra, através de uma época convulsa e explosiva de paixões e ódios. Livre pensador, democrata, apolítico, mas florianista, nacionalista, mas paranaense, nunca esmoreceu, hesitou, se atemorizou na sustentação de seus nítidos e arraigados pontos de vista.

Nunca escondeu a sua opinião, pois nada sabia se acomodar.

Quando em pleno trabalho jornalístico ou na sua aposentadoria, — e desta seguia a marcha dos acontecimentos com uma reportagem exemplar e espantosa, — se manteve numa batalha perpétua.

Foram combates dos mais duros, atribulados, turbulentos, e até perigosos da história da nossa imprensa.

Inúmeras as polémicas por êle mantidas.

E tomava sempre a posição mais arriscada. Era contra a igreja. Era contra os abusos dos políticos e do poder. Era inimigo do êrro, da fraude e da iniquidade.

Sua direção no “Diário da Tarde” se caracterizou pela

imparcialidade do meio do energumenismo da éra, pelo destemôr diante da truculência dos potentados, pela firmeza num tempo de defecções e dissoluções partidárias.

Dáí o formidável prestígio daquele jornal. E disso são eloquentes testemunhos os episódios em que o valente vespertino se envolveu em luta pelas causas populares.

Ameaças de empastelamento, confisco e incineração de edições, metralhamento do povo em plena rua Quinze na frente da redação, perigos de agressão da parte de beaguins da polícia e de facinoras e capangas políticos nunca o detiveram nem o desviaram da sua linha.

A custa de riscos permanentes de ruidosas e triunfais campanhas e discussões com os mais célebres contendores do Paraná, consolidou a situação do “Diário da Tarde”, criando-lhe a tradição de popularidade e independência que nada pôde anular, nem mesmo seu posterior e indecoroso officiosismo.

Ao se traçar um dia a história cultural do Paraná, avaliar-se-á o alcance da sólida obra de Euclides Bandeira em prol d’este incomparável ambiente de liberdade que desfrutamos. Dario Veloso e seus camaradas ensinaram a mocidade a amá-la, e defendê-la, a sofrer e até morrer por ela. Mas Euclides Bandeira erigiu o “Diário da Tarde” numa escola eficiente e fascinante para cultivar no povo o direito e o exercício da opinião, adextrando-o assim para sua utilização no curso dos acontecimentos nacionais.

Um necrológio traçado sob a emoção de sua partida não é o veículo mais útil e adequado para retrair o vigoroso perfil d’esse grande e extraordinário paranaense e paradigma de jornalista. Meu ligeiro estudo de sua bela individualidade, foi feito mais para salientar o aspecto fundamental da sua figura humana, — o seu caráter. Aliás êle se autobiografava, nos versos lapidares daquele seu formoso e marmóreo soneto, — A UMA PENA, — síntese de uma personalidade à Carlyle, eril, máscula, indomável, mas escondendo sob uma realidade enérgica e varonil, uma rica, uma fortíssima sensibilidade artística e patriótica.

Encerremos a efusão d’este adeus com a sedutora beleza desta jóia antológica das letras do Paraná: